



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

**DAS PISTAS PARA AS CABINES:
AS DJS DA CENA DE MÚSICA ELETRÔNICA DE PISTA DE BRASÍLIA**

RAYSSA COIMBRA HONORATO

**BRASÍLIA - DF
NOVEMBRO DE 2018**

RAYSSA COIMBRA HONORATO

DAS PISTAS PARA AS CABINES:
AS DJS DA CENA DE MÚSICA ELETRÔNICA DE BRASÍLIA

**Memorial descritivo do produto apresentado à
Universidade de Brasília como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em Comunicação Social
com habilitação em Comunicação Organizacional.**

Orientadora: Prof. Doutora Ellis Regina Araújo da Silva

BRASÍLIA - DF
NOVEMBRO DE 2018

RAYSSA COIMBRA HONORATO
DAS PISTAS PARA AS CABINES:
AS DJS DA CENA DE MÚSICA ELETRÔNICA DE BRASÍLIA

**Memorial descritivo do produto apresentado à
Universidade de Brasília como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em Comunicação Social
com habilitação em Comunicação Organizacional.**

Orientadora: Prof. Doutora Ellis Regina Araújo da Silva

BRASÍLIA - DF
NOVEMBRO DE 2018

BANCA EXAMINADORA

PROF. DRA. ELLIS REGINA ARAÚJO DA SILVA
ORIENTADORA

PROF. DRA. KATIA MARIA BELISARIO
EXAMINADORA

ANTÔNIO CÉSAR WERLON DO NASCIMENTO SILVA
EXAMINADOR

Este trabalho é dedicado aos que escolheram a música eletrônica como seu caminho e trabalham para que ela alcance e toque (n) o coração de cada vez mais pessoas ao redor do mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha mãe, Kelly, pelo amor incondicional, por ser uma inesgotável fonte de inspiração e conhecimento, por estar constantemente me motivando e acreditando em mim mais do que qualquer pessoa.

Ao meu pai pela minha vida, pela paciência e compreensão.

À minha orientadora, Ellis Regina, por acreditar em mim e nesse trabalho quando eu mesma já não acreditava. Também pela paciência e sucessão de oportunidades, e pela orientação atenciosa do primeiro ao último momento.

Às mulheres que, como eu, vivem, acreditam e trabalham pela música eletrônica, em especial às que colaboraram com este trabalho.

À Universidade de Brasília, por ter sido um atalho em direção à minha verdadeira vocação, que é música, mas não deixa de ser comunicação.

A todos que acreditaram em mim e me apoiaram durante a realização desta pesquisa.

RESUMO

O presente trabalho retrata a produção de um artigo científico sobre a atuação das mulheres DJs no mercado profissional de música eletrônica *undeground* de Brasília. O objetivo é pensar a questão de gênero a partir dos depoimentos das mulheres que exercem a profissão, a partir de levantamento bibliográfico sobre o assunto e na realização de entrevistas com profissionais da área. Foi observado que o número de mulheres é desigual em comparação aos homens, especialmente em posições de poder e de destaque. Elas são minoria dentre os artistas que se apresentam em festas e festivais, não são igualmente remuneradas, muitas vezes não levam créditos pelos trabalhos que fazem além de muitas vezes serem objetificadas e julgadas pela aparência que têm. É importante que homens e mulheres trabalhem em conjunto contra o sexismo na cena eletrônica.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; mulheres; música eletrônica; DJ; gênero.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO E PROBLEMA DE PESQUISA.....	8
1.2 Justificativa.....	10
1.3 Objetivos.....	11
1.3.1 Objetivo geral.....	11
1.3.2 Objetivos específicos.....	11
4. Metodologia.....	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 Profissão DJ.....	14
2.2 Música eletrônica underground e DJing em Brasília.....	17
2.3 A inserção da mulher no mercado de DJs de Brasília	20
2.3.1 Questão de gênero.....	20
2.3.2 A questão de gênero no Brasil.....	21
2.3.3 A questão de gênero no mercado de DJs de música eletrônica de Brasília.....	22
3. CONCLUSÃO.....	28
4. REFERÊNCIAS.....	30
5. ANEXOS.....	33

1. APRESENTAÇÃO E PROBLEMA DE PESQUISA

Na indústria da música eletrônica, um mercado extremamente lucrativo e em ascensão, existe um protagonista soberano, que é o DJ. O artista é um pesquisador musical que faz da pesquisa sua arte. Responsável por selecionar e reproduzir suas descobertas sonoras ao público em festas e eventos, em suas apresentações, chamadas de DJ sets, ele faz uma costura musical, emendando o final de uma música ao início de outra, uma na outra enquanto toca, criando uma composição ininterrupta.

Nesse nicho de trabalho, como em muitos outros, existe um domínio do gênero masculino. As mulheres sempre estiveram presentes – produtoras de eventos, *managers* de artistas, público frequentador, ou mesmo como DJs – mas nem sempre recebem o espaço e o reconhecimento merecido. Segundo o anuário¹ de 2016 da Brazil Music Conference (BRMC)², somente 1,7% de DJs são mulheres, 98,3% são homens. Levantamento da revista *Vice*³, do mesmo ano, apontava a porcentagem de mulheres em alguns dos maiores festivais de música eletrônica do mundo: Electric Daisy Carnival teve 2,71% de mulheres dentre as atrações; Electric Zoo, 2,58%; Ultra Music Festival, 5,9%. De acordo com o mesmo levantamento, o desequilíbrio de gêneros nesse mercado também existe em festivais populares. Outro exemplo desse desequilíbrio, é o mais reconhecido ranking de DJs do mundo, o da DJ Mag⁴. Em sua última edição, em 2018, de 100 artistas listados, apenas 4 são mulheres.

Vale destacar que a disparidade entre homens e mulheres não é exclusividade da indústria da música eletrônica, estando presente no mundo da música de maneira geral. O relatório de 2018⁵ do projeto 'Por elas que fazem a música', aponta que no mercado brasileiro, as mulheres representam 14% dos associados da União Brasileira dos Compositores (UBC),

¹ BRMC - BRAZIL MUSIC CONFERENCE. Anuário 2016. Disponível em:
<https://issuu.com/riomusicconference/docs/pdf_anuario_issue>

² Conferência da *dance music* e *show business* na América Latina.

³ McCARTHY, Zel. *Line-ups Não Mentem: A Música Eletrônica Ainda É um Clube do Bolinha*. Thump, 10 de junho de 2014. Disponível em:
<https://thump.vice.com/pt_br/article/line-ups-nao-mentem-a-musica-eletronica-ainda-e-um-clube-do-bolinha>

⁴ Revista do Reino Unido especializada em música eletrônica, existente desde 1991.

⁵ UBC - UNIÃO BRASILEIRA DE COMPOSITORES. Por elas que fazem a música: relatório. 2018. Disponível em:

<http://www.ubc.org.br/anexos/publicacoes/arquivos_noticias/porelasquefazemamusica2018.pdf>

maior administradora de direitos autorais do país. No ano anterior, apenas 10 foram listadas entre os 100 maiores arrecadadores da associação, inclusive com valores médios arrecadados 28% menores que os dos homens.

Isso acontece por conta da questão do gênero, que vem se tornando uma das discussões mais presentes nesse meio. Vivemos em uma sociedade patriarcal, onde mulheres sofrem preconceitos, discriminações, são subjugadas e controladas. Crescemos com a ideia de que existem atividades, profissões, ambientes, interesses apropriados para a mulher, e outros para o homem.

A música eletrônica está diretamente ligado ao desenvolvimento de tecnologia, computadores, softwares, manuseio de equipamentos de som e iluminação, enfim. Ítems relacionados ao universo masculino. Para uma mulher, se inserir nesse universo, é preciso quebrar barreiras, romper com dogmas e padrões impostos pela sociedade. Não é simples e nem fácil.

Nos últimos anos, com o fortalecimento do feminismo e da movimentação pelo empoderamento feminino, a cena de música eletrônica vem se transformando. Cada vez mais artistas estão se unindo e se posicionando contra o sexismo existente, e as garotas estão cada vez mais afirmando seu espaço dentro da cena.

Apesar dessa movimentação, as mulheres ainda aparecem significativamente em menor número em relação aos homens, especialmente em posições de poder e destaque, e é cada vez mais importante refletir sobre o assunto, de modo a compreender essa realidade, e descobrir possíveis caminhos para estabelecer um equilíbrio nesse mercado de trabalho. Para isso, é importante esclarecer a questão: Como pensar a questão de gênero no mercado profissional de DJs de música eletrônica a partir dos depoimentos de mulheres que exercem a profissão?

Essa pesquisa em forma de artigo é contextualizada dentro cenário da música eletrônica – especificamente, sobre o mercado de trabalho de DJs de Brasília, com o objetivo de responder à pergunta acima, registrando historicamente a presença das mulheres na cena da cidade, para conhecer suas histórias, observando os desafios, dificuldades e outros pontos em comum a todas elas.

1.1 Justificativa

Enquanto mulher, tenho vivido as consequências dos padrões de gênero impostos a mim pela sociedade patriarcal. Como minhas companheiras, sofro preconceito e discriminação apenas por ter nascido com o sexo biológico que nasci, sendo limitada pelo que acham que eu devo fazer ou não fazer, pelo que é considerado feminino e o que não é.

Enquanto produtora de música e DJ, tenho vivido a desigualdade entre homens e mulheres no meu mercado trabalho: a cena de música eletrônica. Frequentando e trabalhando nesse ambientes predominantemente masculino e, naturalmente, machista, somos objetificadas, desacreditadas, temos poucas oportunidades de estarmos em posições de destaque, temos menos espaço para mostrar nosso trabalho, ao mesmo tempo em que precisamos trabalhar muito mais do que os homens para provarmos nos valor. Como se não bastasse, muitas vezes, não levamos créditos pelos trabalhos que desempenhamos.

Falta representatividade. Falta respeito. Falta igualdade. Falta equilíbrio. Sendo um personagem atuante dessa história, sinto que, com esse trabalho, tenho uma oportunidade de trazer uma reflexão sobre esse tema. Mais que isso, sinto que é meu dever falar sobre as dificuldades da minha realidade, que não é só minha, mas de muitas, e que precisa urgentemente ser reconfigurada.

Também vejo aqui uma oportunidade de dar créditos e o devido destaque às mulheres que trabalharam por elas, mas cujos frutos do trabalho eu também colhi, como forma de agradecimento e reverência.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Compreender a questão do gênero no mercado profissional de DJs de Brasília, a partir dos depoimentos de mulheres que atuam ou já atuaram nessa profissão.

1.2.2 Objetivos específicos

- Registrar historicamente a presença das mulheres no mercado profissional de DJs de Brasília;
- Entender por qual motivo elas chegaram ao universo da música eletrônica e de que maneira conseguiram se inserir nele;
- Observar suas percepções, ambições e valores dentro desse cenário;
- Apontar os pontos em comum em seus relatos;
- Observar outras formas de atuação dessas mulheres nesse mercado e como suas carreiras se desenvolveram;
- Explorar a questão de gênero dentro do mercado de trabalho de DJs da cidade;
- Dar destaque e créditos às mulheres pelos trabalhos prestados.

1.3 Metodologia

Este estudo apoia-se no levantamento bibliográfico e, especialmente, na realização de entrevistas com mulheres que atuam ou já atuaram no mercado de DJs de música eletrônica. Foi estabelecido como critério para participar do trabalho ser DJ (ou ter sido DJ) de música eletrônica não comercial ou *underground*. Explicando: aquela (música) feita à margem da cultura musical hegemônica, feita exclusivamente para pistas de dança sem preocupação comercial.

Inicialmente, foram realizadas conversas informais com profissionais que participaram do início da cena de música eletrônica *underground* da cidade, com o objetivo de descobrir se haviam mulheres envolvidas no surgimento desse movimento e em seu futuro desenvolvimento, especialmente atuando como DJs. Levantadas essas informações, o passo seguinte foi descobrir como entrar em contato com as personagens apontadas e entrevistá-las.

As entrevistas se mostraram um tanto complicadas de serem executadas, por diversos fatores. Parte das garotas apontadas como integrantes do grupo que já atuou ou atua como DJ em Brasília, já não mora mais na cidade, o que inviabilizava a conversa frente a frente. Outro fator dificultante foi o fato de algumas delas se recusarem ou encontrarem empecilhos para participar da pesquisa, como falta de tempo, ou, como foi possível observar em parte dos casos, simplesmente por falta de interesse. Aparentemente, para algumas, essa é uma fase da vida da qual elas não querem se recordar, ou mesmo falar sobre.

Salvo em alguns casos, em que já havia uma relação estabelecida com as personagens, o contato se deu por meio do *Facebook*. Muitas demoraram bastante a retornar o contato, e, juntando isso aos fatores explicados no parágrafo acima, a melhor solução foi realizar todas as entrevistas *online*. Foi criada uma sequência de perguntas, que abordava desde questões pessoais, como de que maneira elas iniciaram suas carreiras, até questões gerais sobre as mulheres nesse mercado de trabalho.

Foi realizado um levantamento bibliográfico, com a busca por livros, artigos e demais materiais que pudessem responder ao problema de pesquisa. O artigo foi, então, construído a partir da análise do material bibliográfico em conjunto com os dados coletados a partir do

questionário e de perguntas avulsas feitas aos personagens envolvidos na cena de música eletrônica de Brasília.

2. Referencial teórico

2.1 Profissão DJ

Nas últimas décadas, foi possível acompanhar o surgimento de um novo tipo de popstar, vindo diretamente do universo da música eletrônica: o DJ⁶. Elemento essencial da *dance music*⁷ e de sua cultura, hoje os DJs são ídolos, arrastam multidões a festivais gigantescos, fazem turnês internacionais e movimentam uma parte significativa e altamente rentável do mercado da música. São os maiores produtores da música pop, donos dos maiores sucessos das rádios e responsáveis pelo sucesso de muitos cantores da música popular.

Quem vê um DJ tocando, pode ficar confuso quanto ao que de fato está sendo feito por ele ali em cima do palco, cercado de equipamentos eletrônicos, luzes, caixas de som e parafernálias eletrônicas.

"Mas o que exatamente é um DJ e o que ele faz?"

Antes de qualquer coisa, o DJ é um pesquisador, que faz da pesquisa a sua arte. Como qualquer pesquisador, tem a missão de apresentar as descobertas e tendências de seu objeto de pesquisa - nesse caso, a música. Mas ele não apresenta todas as informações (aqui, em forma de música) que encontra, nem as apresenta de qualquer maneira. Ele seleciona o que há de melhor para entregar ao público, as melhores músicas para manter as pessoas dançando.

Antes de qualquer coisa, o DJ é um pesquisador, que faz da pesquisa a sua arte. Como qualquer pesquisador, tem a missão de apresentar as descobertas e tendências de seu objeto de pesquisa - nesse caso, a música. Essa pesquisa é apresentada ao público nas festas, o momento em que o DJ põe em prática um de seus atributos principais: o de “passar informação” através da música. “Passar informação” é um processo relacionado à “formação” de seu público no sentido mais amplo, justamente o que diferencia o DJ. “Passar informação” evoca também uma capacidade de “dar sentido às coisas”, para si e para seu público. (FONTANARI, 2008)

⁶ A sigla DJ substitui o termo disc jockey – ou discotecário, no Brasil.

⁷ Música eletrônica feita para as pistas de dança.

Quando está se apresentando, o que ele faz é uma espécie de "costura musical", emendando as músicas umas nas outras, de modo que o som nunca pare de tocar e o resultado final seja uma espécie de música ininterrupta, que dura o tempo total de sua apresentação. Essa parte do trabalho também é conhecida por termos como mixar e discotecar. Segundo Fontanari (2008, p. 232):

A unificação, ao vivo, realizada pelos DJs, das faixas musicais gravadas em dois ou mais discos diferentes em apenas uma, seja sincrônica ou sequencialmente, é chamada de mixagem. Estas diferentes faixas são mixadas, ou seja, as linhas rítmicas, melódicas, vocais e efeitos de pelo menos duas fontes diferentes são “combinadas” técnica e criativamente de modo a formar “uma” narrativa musical. (...) Mesmo que realize alterações pontuais na faixa pré-gravada, a sua unidade principal de medida é o repertório total de músicas que compõem sua apresentação.

O *djing*⁸ é uma prática que existe há décadas, e muitos associam o início da popularização da figura do DJ, ou melhor, o próprio início dessa atividade, ao surgimento e posterior boom da *house music*⁹ e do *techno*¹⁰ em Chicago e Detroit nos anos 1980, mas a história desse ofício começa muito antes. Segundo Alex Busby¹¹, o termo DJ ou disc-jockey que ouvimos com tanta frequência foi cunhado pela primeira vez em 1935 por um apresentador de rádio americano, Walter Winchill, que o usou para se referir a alguém que manuseava máquinas que reproduziam discos de vinil. Os radialistas das emissoras de rádio, responsáveis por selecionar os discos e executar as músicas eram chamados de DJs.

Algum tempo depois, nos anos 1950, surgiu em Kingston o movimento conhecido como Jamaica Soundsystem, que basicamente consistia em festas de rua com grandes sistemas de som, onde DJs reproduziam discos importados dos Estados Unidos, que posteriormente deram lugar à produções locais. Os responsáveis pelas seleções das músicas eventualmente tiveram a ideia de utilizar dois toca-discos simultaneamente, botando um disco pra tocar assim que o outro acabava, criando a ilusão de música ininterrupta. Busby

⁸ Um dos termos usados para definir a arte do DJ.

⁹ Subgênero da música eletrônica surgido em Chicago, nos Estados Unidos, na primeira metade da década de 1980. O nome house foi retirado do principal club da época, o Warehouse.

¹⁰ Subgênero da música eletrônica criado em Detroit (EUA) no início dos anos 80, considerado "irmão" da house music. O termo 'techno' foi retirado do livro A Terceira Onda, de Alvin Toffler.

¹¹ BUSBY, Alex. 2015. *The Evolution of the DJ (Part One)*. Disponível em: <<http://lonelytable.net/features-1/2015/the-evolution-of-the-dj-part-one>>

explica um pouco como essa técnica acabou se tornando a base da atividade dos DJs como conhecemos hoje:

Esta ideia de um 'selecionador' que é responsável por fornecer ao público as melhores músicas para mantê-los dançando pode ser considerada a primeira grande evolução para o DJ. Esse conceito-chave - manter as melodias funcionando - continua sendo a principal responsabilidade do disc jockey.¹²

A prática chegou aos Estados Unidos no início dos anos 1970, e se desenvolveu na cena cultural do Bronx (um dos 62 condados do estado americano de Nova Iorque), que viria a ser conhecida como *Hip Hop*. Ali, evoluiu proporcionando o surgimento de outras técnicas, como a mixagem¹³ e os *scratches*¹⁴.

Ao fim da década de 1970, já na Era *Disco*¹⁵, o DJ, se aproveitando das novas tecnologias do digital, se torna produtor e passa a fazer remixes, o que se tornaria a base para a criação dos gêneros *house music* e *techno*, praticamente sinônimos do que é conhecido atualmente como música eletrônica de pista, ou *dance music*, e que juntos se tornariam fenômenos da música contemporânea.

Baldelli (2006, p. 44) aponta que:

Um dos conhecimentos básicos exigidos dos DJs é aprender sobre o gosto musical das pessoas, do público, e não somente isso, mas também sobre suas sensações, e o que os faz sorrir, dançar e enlouquecer numa pista de dança. Isto somente a experiência pode trazer, pois exige um certo tempo para que possa realizar algum tipo de registro ou associação que permita você organizar referências sobre as diferentes emoções proporcionadas pela música.

Importantíssimo destacar também que a figura e os trabalhos dos DJs foram grandes

¹² BUSBY, Alex. 2015. *The Evolution of the DJ (Part One)*. Disponível em: <<http://lonelytable.net/features-1/2015/the-evolution-of-the-dj-part-one>>

¹³ Técnica que consiste em igualar o tempo de duas músicas e fazê-las tocarem simultaneamente, a base do *djing*.

¹⁴ Scratch é uma técnica musical utilizada por um *turntablist* para produzir sons ao "arranhar" o disco de vinil para frente e para trás repetidas vezes.

¹⁵ Auge da popularidade da Disco Music, entre 1977 e 1979, impulsionada em grande parte pelo filme traduzido no Brasil como "*Os Embalos de Sábado à Noite*".

catalisadores da democratização da produção musical. Foi da necessidade de ter mais e mais materiais (leia-se: música) para tocar, que eles tiveram a iniciativa de se apropriar de instrumentos eletrônicos inicialmente direcionados à outros músicos e criar os seus próprios sons, sons que poderiam ser tocados nas pistas, e que abriram portas para que a música eletrônica se tornasse a base da música pop atual.

2.2 Música eletrônica underground e *DJing* em Brasília

A música eletrônica surgiu em Brasília no fim dos anos 1980. Teixeira – um dos pioneiros do underground eletrônico brasileiro – conta que festas de música eletrônica de pista (sem segmentação de gêneros específicos) já existiam antes de 1990, levadas por equipes de som e DJs de rádios FM comerciais. Elyvio Blower é tido como um dos primeiros propagadores dessa música na época, por ter um programa de *dance* em uma rádio comercial e divulgar, em pequenos blocos, algumas novidades do mundo do som eletrônico *underground*. (MATOS, 2005)

No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, já surgiam DJ sets¹⁶ de house music em festas alternativas, porém, a primeira festa explicitamente dedicada ao estilo aconteceu em dezembro de 1990, produzida pela icônica dupla de DJs Isn't e The Six (André Costa e Pedro Tapajós), em conjunto com Thays Couto e Daniel Cioffi. Essas pessoas seriam catalisadoras da popularização da música eletrônica underground de Brasília. Segundo Matos (2005, p. 11, 12):

Isn't e The Six são declaradamente os pioneiros da experiência musical eletrônica underground na cidade. Produziam festas e divulgavam a música através de suas apresentações, sempre ecléticas, evitando um formato contínuo. Passavam – e ainda passam – por várias vertentes eletrônicas primando pelo amadorismo e pela experiência sonora.

Vale destacar a importância de Thays Couto, que foi a primeira mulher a interferir no desenvolvimento desse cenário, e, porque não dizer, a grande iniciadora de todo o movimento. Marcelo Teixeira (2012, não publicado) conta:

¹⁶ Set: apresentação do DJ

Thays Couto morou na Inglaterra entre 85/90, presenciando as primeiras grandes festas de acid house. Danny Cioffy era de Nova Iorque (...). Pedro Tapajós era filho de diplomatas que trabalhavam no consulado brasileiro em Nova Iorque. Todos tinham em comum a Escola Americana de Brasília (EAB). As primeiras festas de house foram tramadas, segundo Thays, no apartamento de Danny e do seu então namorado Marcos, no Plano Piloto. O trio então convidou Pedro Tapajós (que na época tocava house mais "comercial") e Thays emprestou seus vinis de acid house pra ele. A partir daí, Pedro Tapajós se tornaria o DJ "oficial" da cena underground brasiliense. (TEIXEIRA, 2012, p. 7, 8)

Os anos 1990 foram bem prolíficos para a música eletrônica de Brasília. Aconteceu a primeira rave da cidade, Mentok 1 (1992), e a migração de vários integrantes de bandas de rock para o eletrônico – vale lembrar que nessa década a Capital Federal também era nacionalmente considerada a capital do rock – como Giulliano Fernandez, que integrava a Low Dream e se tornou DJ Hopper, chegando a ser eleito entre os 100 melhores DJs do Brasil pela revista especializada HouseMag –, e Marcelo Martins, integrante da OZ, que sob o pseudônimo de Nego Mozambique se tornou um dos principais expoentes da música eletrônica brasileira para o mundo.

Tivemos a primeira loja de CDs focada apenas nesse estilo musical (antes os DJs de Brasília não tinham muitas opções para comprar CDs ou discos: ou importavam, ou pagavam caro de quem importava), e também pela estreia de um dos DJs que faria história na cidade: Guilherme Tavares, o DJ Oblongui. No ano de 1996 houve o nascimento do clube Wlöd, primeira casa dedicada exclusivamente à música eletrônica da cidade, que foi palco para o desenvolvimento de artistas talentosos como Oblongui e Leonardo Cinelli (DJ LS2), que foram residentes¹⁷ da casa. Segundo Matos (2005, p. 12), Leonardo foi um dos primeiros DJs de música eletrônica underground da cidade a procurar uma formatação mais profissional para suas apresentações, buscando maior conhecimento técnico e fazendo sets contínuos, onde geralmente destacava apenas um dos gêneros da música eletrônica. O Wlöd ficou tão famoso que até saiu na revista Isto é¹⁸ daquele ano, um marco na noite de Brasília. A casa durou cerca de oito meses e depois deu espaço a novas iniciativas, com pouco tempo de duração e pouca expressão.

¹⁷ Ser DJ residente de uma casa noturna é tocar regularmente como funcionário fixo do club.

¹⁸ Matéria “Tribos Federais”, publicada no número 1396 da revista Isto é. A edição teve grande circulação nacional por trazer como matéria de capa a morte de PC Farias. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/comport/139608.htm>

O fim dos da década de 1990 e início da década de 2000 foram marcados pelo surgimento dos núcleos Da Bomb¹⁹ – festa da cultura *hip hop* com mais de 20 anos de história – e Underground Movement, que marcou história com suas festas de carnaval e foi vitrine para novos talentos como DJ Arlequim, Twin Cam, Maze One e Linkage (TEIXEIRA, 2012). Também nessa época, aconteceram mega-festas marcantes, como a Rave XXXperience e o festival Brasilia Music Festival. Aqui, um dado importante: foi no início da década de 2000, mais precisamente no ano de 2000, que surgiu a primeira DJ de música eletrônica underground de Brasília – Débora Carvalho, a DJ Donna, sobre a qual falaremos adiante.

Em 2004 surgiu o Confronto Sound System²⁰, coletivo que desde então promove festas de rua e a ocupação dos espaços públicos de Brasília, dando espaço a gêneros como o *dub*, *ragga*, *dubstep* e *dancehall*. No fim da década, em 2010, o Guerrilha Crew nasceu²¹ e marcou época com suas festas periódicas na Universidade de Brasília (UnB), ao som de muito *dubstep*, *glitch* e *downtempo*. Importante destacar que no Guerrilha também havia uma mulher atuando como DJ: Fernanda Maciel, a DJ Fer Red ou DJ Nambu. Fernanda também atuava como produtora dos eventos do coletivo, que encerrou suas atividades alguns anos depois.

Pulamos para 2007, com o surgimento da festa 5uinto, que por quase 10 anos foi semanal e se tornou uma referência em música eletrônica no Brasil, colocando a cidade no mapa do underground nacional. O 5uinto foi palco para o surgimento de outra artista importante da qual falaremos adiante: Mari Perrelli, que por anos foi praticamente a única mulher a tocar house music e techno profissionalmente na cidade. A festa foi o berço da geração seguinte de público e de DJs (homens e mulheres), uma escola que educou muitos artistas e produtores culturais que atualmente trabalham para a construção de uma cena de música eletrônica local.

Em 2018 temos um nicho de mercado relativamente rico, com a presença de festas com forte apelo comercial que dão espaço ao *hip hop*, como Makossa e Melanina, e também à

¹⁹ IZEL, Adriana. Balada da Bomb comemora 20 anos com festa especial no Arena Futebol Clube. Correio Brasiliense, 03 de março de 2015. Disponível em: <http://df.divirtasemais.com.br/app/noticia/hit/2015/03/03/noticia_hit.153581/balada-da-bomb-comemora-20-anos-com-festa-especial-no-arena-futebol-clube.shtml>

²⁰ IZEL, Adriana. *Confronto Sound System comemora 10 anos com música eletrônica, reggae e dub step*. Correio Brasiliense, 20 de julho de 2014. Disponível em: <http://df.divirtasemais.com.br/app/noticia/hit/2014/07/20/noticia_hit.150460/confronto-sound-system-comemora-10-anos-com-mistura-de-musica-eletroni.shtml>

²¹ Dado encontrado na fan page do coletivo no *Facebook*.

versões mais comerciais da *house music*, como My House e Mistura Fina. O 5uinto praticamente reinou sozinho entre as festas de *house* e *techno* underground da capital federal por anos, mas, atualmente, vivemos um momento de transição, com novos coletivos e festas independentes. Núcleos como Crazy Cake Crew, sintra FM, Cause Org, SNM e Sujo têm gerado uma renovação no cenário, tanto de público quanto de artistas, inclusive trazendo uma presença maior de mulheres na produção de festas e atuando como DJs.

2.3 A inserção da mulher no mercado de DJs de Brasília

2.3.1 Questão de gênero

Como foi possível constatar, a profissão DJ, no início, era absolutamente masculina. Essa era uma realidade mundial, e pôde facilmente ser percebida na cena de Brasília. Desde os anos 80, quando o movimento da música eletrônica surgiu na cidade, até os prolíficos anos 90, quase não havia nenhuma mulher considerada referência na cidade. Vivíamos tempos de supremacia masculina entre os artistas locais, o que acontecia porque, não faz muito tempo, as mulheres não tinham nem mesmo seus direitos básicos reconhecidos. Naturalmente, não poderiam ter as mesmas profissões, mesmos comportamentos, frequentar os mesmos espaços, enfim.

Para entender essa desigualdade entre homens e mulheres, ou seja, a desigualdade de gênero, é preciso primeiro definir o que é entendido como gênero. Segundo Bonetti (2012, p.93):

Gênero é a construção cultural sobre a diferença sexual. Se sexo diz respeito ao macho e à fêmea da espécie humana, porque eles têm corpos diferentes (pênis e vagina), gênero diz respeito aos valores dados às diferenças sexuais, que variam de sociedade para sociedade e dentro da mesma sociedade, nos mostrando que há inúmeras possibilidades de masculinos e femininos.

Gênero, portanto, diz respeito às formas como cada sociedade concede valores diferentes aos diferentes sexos, que ao longo de nossas vidas vão sendo aprendidos e incorporados no nosso processo de socialização. As diferentes expectativas de comportamento

para o masculino e para o feminino geram a desigualdade de gênero. Essa é a primeira forma de dar significado às relações de poder.

Na nossa sociedade, os padrões de gênero impostos fazem com que as mulheres sejam vítimas da violência, da dominação e do poder. Essa discriminação vem da ideia de que existe uma diferença natural entre sexos, que se manifesta em direitos, poderes e deveres distintos para mulheres e homens. Também, dos valores sociais sob os quais vivemos, criações sociais influenciadas pelas tradições religiosas e pelas ciências que possibilitam a implantação de um sistema social patriarcal. De acordo com Swain (2012, p. 83):

Os sistemas sociais fundamentam o poder que os homens exercem sobre as mulheres, os quais foram denominados "patriarcais", ou seja, a ordem do pai, simbolizada pelo pênis. Nesse sentido, o aparelho genital definiria, ao nascer, o status e as possibilidades que teria uma criança. E isto sem levar em conta as potencialidades de cada uma, pois feminino, no patriarcado, é sinônimo de "inferior". Esses sistemas afirmam e qualificam esta "diferença" para justificar o controle e a dominação que os homens exercem sobre as mulheres, "naturalmente".

2.3.2 A questão de gênero no Brasil

No Brasil, podemos observar a desigualdade de gênero em diversos contextos. No cenário político do país, dados da Justiça Eleitoral apontam o desequilíbrio. Em maio de 2018, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) definiu por unanimidade que recursos do Fundo Partidário destinado aos partidos políticos devem ser distribuídos igualmente entre candidaturas de homens e mulheres, com sinalização da ministra Rosa Weber para dados alarmantes: o Brasil tem cerca de 10% de representação feminina na Câmara dos Deputados e 14% no Senado, números inferiores em relação a parlamentos de países que restringem a participação da mulher na sociedade, como Afeganistão, Iraque e Arábia Saudita. Apesar da decisão do TSE, nas eleições de 2018, as mulheres (maioria do eleitorado, com 52,5% dos eleitores), representaram apenas 30,7% das candidaturas.

Esses padrões de discriminação e diminuição da mulher se refletem no mercado de trabalho. Segundo Bonetti (2012, p.94):

O sistema de valores de gênero e sexualidade na nossa sociedade atribui um valor negativo menor àquilo que é considerado feminino, criando

discriminação entre as mulheres. Esta baixa valorização reflete-se no mercado de trabalho, que exclui as mulheres (...), além de reservar a elas as piores ocupações e postos precários. Este dado é alarmante quando percebemos que esta situação é mero resultado do sexismo vigente no Brasil, já que são as mulheres aquelas que possuem as melhores taxas de educação. Ou seja, se qualificam mais para o trabalho, mas mesmo assim são preteridas em favor dos homens.

Uma mostra disso, é que mulheres também seguem em desvantagem no mercado das organizações, onde as relações de gênero ainda são marcadas por importantes assimetrias, especialmente quando se trata do nível salarial e do acesso a posições de maior responsabilidade. De acordo com pesquisa de Cavazotte, Oliveira e Miranda (2010) sobre trabalho e diversidade nas organizações, a essência do trabalho influencia na maneira como a desigualdade de gênero é percebida pelas mulheres, especialmente quando o trabalho está vinculado à sua identidade de maneira central. Também, a percepção dessa desigualdade tem impacto negativo sobre as atitudes delas com relação ao emprego e às organizações que as empregam.

Outro ponto a ser destacado entre os padrões de gênero, que influencia fortemente a presença feminina no mercado de trabalho e na maneira como ela é recebida, diz respeito às representações sobre a mulher. Segundo Belisário, Geraldês e Moura (2011, p. 468):

No que concerne às representações sobre a mulher, é preciso lembrar que a classificação de gêneros (masculino/feminino) serve a uma divisão de poderes (quem manda/quem obedece; quem pode/quem não pode; quem tem valor/quem não tem valor). Essa divisão de poderes, para se manter, precisa ser amparada por algumas crenças, como, por exemplo, a de que é justo que a mulher tenha menos posições de destaque social, receba menores salários e possa ser tratada como objeto.

2.3.3 A questão de gênero no mercado de DJs de música eletrônica de Brasília

Naturalmente, todas as questões apontadas ao longo do texto também são latentes no mundo da música e, conseqüentemente, no mercado de DJs de Brasília. Nas primeiras décadas de movimentação da música eletrônica da cidade, não tivemos participações significativas de mulheres, nenhuma referência feminina entre os artistas locais que participaram do movimento. Essa realidade, aos poucos, vem se transformando, muito a partir

da luta global das mulheres pela igualdade de gênero e pelo empoderamento feminino.

No século passado, movimentos sociais que buscavam liberdade, igualdade e direitos naturais, como Iluminismo, Revolução Francesa e Revolução Industrial deram voz às mulheres que então passaram a se articular em movimentos pelos seus direitos básicos que, à época, compunham a força de trabalho das indústrias, mas possuíam uma carga de trabalho maior e remuneração menor que a dos homens. (COIMBRA, 2018) Também nessa linha e com grande influência das revoluções acima citadas, veio o feminismo, movimento social, político e econômico que prega igualdade entre gêneros, luta pelo fim do patriarcado e pela modificação das relações sociais entre homens e mulheres.

Apoiadas por essa movimentação global, ainda que indiretamente, as meninas começaram a ocupar posições de destaque no mercado da música eletrônica de Brasília. No início do anos 90, tivemos a primeira DJ mulher da cidade, Lysa Lobo. André Costa (DJ Isn't), pioneiro na produção de festas de música eletrônica de Brasília, relata em entrevista informal com a autora que ela tocava músicas pop que estavam relacionadas à *dance music*, ocupando a parte mais *mainstream* do mercado. Segundo ele, quando as festas se tornaram mais alternativas, e, por consequência, seus sons, mais *undegrounds*, Lysa as frequentava mas não se apresentava como DJ.

Quem de fato é considerada a primeira DJ de música eletrônica *undeground* de Brasília é Débora Carvalho, a DJ Donna. Ela começou a tocar no ano 2000, incentivada pelo acima citado, André Costa. Donna, que inicialmente dedicava sua pesquisa ao *Miami Bass*²² e ao *electrofunk*²³, relatou que não havia DJs mulheres em BSB, e que ficou pouco tempo na cena eletrônica porque se identificou mais com o hip hop. Ao fazer a transição de estilos, foi apadrinhada pelo DJ Celsão²⁴, falecido em 2015, e considerado um ícone da black music em Brasília. “As pessoas tinham preconceito porque eu vinha da música eletrônica, mas ele me apoiou, disse que eu deveria continuar”, conta. Ela continuou, e, por 10 anos, não apenas foi a única DJ mulher tocando *hip hop* na cidade, como foi a única mulher a tocar música eletrônica *undeground* profissionalmente.

²² Subgênero do electro que tornou-se popular nos EUA e países da América Latina nos anos 80 e 90.

²³ Gênero de música eletrônica diretamente influenciado pelo uso da bateria eletrônica TR-808 e samplers de Soul e Funk.

²⁴ MANDRAKE. Morre aos 52 anos DJ Celsão, ícone da música negra de Brasília. Rap Nacional, 5 de julho de 2015. disponível em:

<<http://www.rapnacional.com.br/morre-aos-52-anos-dj-celsao-icone-da-musica-negra-de-brasil>>

Débora, que hoje conta com quase 20 anos de carreira, vive de música, mas não só de *DJing*. Ela conta que antigamente ficava "batendo o pé" para agregar mais mulheres nos *line ups*²⁵ em festas com curadoria 100% masculina. A pressão foi tanta que ela acabou enveredando no ramo da produção, se tornando uma das produtoras culturais mais ativas de Brasília.

Criei um Festival voltado para as mulheres que se chama Conexões Urbanas Impressões Femininas na Cultura de Rua (bem na Cultura Urbana que ainda é machista) e faço a curadoria do Palco de Arte urbana no Festival Satélite 061 no Palco Radiofusão. Revolucionamos toda a cena estamos em todas as partes, produtora, roldie, técnica de som, curadora e etc. (Entrevista à autora em, 2018)

Donna também produz a festa a Boom Bap, que acontece na rua, e que, inclusive, tem outra pioneira como residente: Janaina Souza, a DJ Janna. Em atividade há 7 anos, Janna sempre se dedicou ao *hip hop* e suas vertentes. Fez um curso de DJs em 2011 com o DJ Ocimar, na extinta loja Da Bomb, no Conic. Em outubro daquele mesmo ano, se apresentou oficialmente como DJ pela primeira vez na festa Celebration, que aconteceu no Espaço Floresta. Ela conta que antes de começar a tocar, foi inspirada por Thaís Katze, DJ em atividade desde 2008, que costuma se apresentar em bares e restaurantes tocando expressões comerciais da *house music*. Após se inserir no mercado, foi conhecendo mais representantes da cultura *hip hop*, dentre elas, DJ Donna, que se tornou uma influência direta.

Como é bastante comum no mundo dos DJs, especialmente dos brasileiros, Janna hoje não vive apenas da música, e aponta uma dificuldade maior quando se está inserido em um mercado alternativo, ou *underground*.

Viver somente de arte no Brasil é um tanto quanto complicado quando você não está inserido no mercado comercial, o meu tipo de trabalho é mais alternativo, então eu tenho uma outra profissão paralela a de dj para me manter financeiramente. (DJ Janna em entrevista à autora, 2018)

Fora da cena *hip hop*, em 2008, surge outra personagem central para a inserção das mulheres nesse mercado: Mari Perrelli. Mari se interessou pela *dance music* quando tinha cerca de 12 anos, ao ouvir discos de drum n' bass, e depois, aos 15, frequentando festas do

²⁵ Expressão que faz referência ao conjunto de DJs que a se apresentarem em determinado evento.

Teatro Dulcina. Estreou como DJ no 5uinto e se logo se tornou residente do projeto, ofício que segue desempenhando. Assim como Donna, além de tocar, trabalhou na produção de eventos durante anos, mas hoje já não obtêm seu sustento por meio da música. Em 2018, ela mora em São Paulo e, como Janna, acredita que não dá pra viver de arte no Brasil.

Vivi durante muitos anos mas no momento não. Devido ao cenário político/financeiro, não posso dizer que tá dando pra viver de arte, porque não tá. Estamos em um momento tenso e a arte em geral sempre vai refletir a densidade da época, então se vc trabalha com isso com certeza você vai ter que absorver o que acontece ao seu redor, querendo ou não. Devido a isso, no momento tenho estudado a cena da minha moradia atual que é o centro de São Paulo, através da minha própria rotina, e tenho estado muito em casa, focada na produção musical, fico quebrando minha cabeça horas por dia fazendo música. É o que tem salvado o que restou da minha sanidade mental. (Mari Perrelli em entrevista à autora em, 2018)

De fato, viver de música eletrônica no Brasil não é fácil, especialmente quando se é artista. Os DJs e produtores que aqui vivem, salvo os que tem uma condição financeira abonada, esbarram em um empecilho difícil de desviar: o acesso aos equipamentos necessários para o desenvolvimento dos trabalhos, devido ao preços exorbitantes. Fernanda Maciel, que atuou como DJ integrante do coletivo Guerrilha Crew entre 2006 e 2010, fala sobre isso:

Os equipamentos eram absurdamente caros (como em alguns casos podem ser até hoje) e lembro que a falta de recursos marcava a diferença do nosso grupo em relação aos outros, não tínhamos pensão, nem apoio dos nossos pais e conseguir equipamento para ensaiar era onde gastávamos boa parte dos nossos esforços. Naquela época, mesmo ter um notebook era raro, imagina uma controladora, ou um bom mixer com cdjs. Depois disso posso dizer que fiz uma transição entre tocar e organizar eventos, justamente para tentar viabilizar a parte financeira. Ser do underground nunca ajudou a fazer a parte contábil das produções. (Entrevista à autora, 2018)

Esse problema, certamente, perdura até os dias de hoje. Fora o desafio do acesso aos equipamentos, existe um ponto particular às mulheres, citado pela maioria das entrevistadas: lidar com tratamento preconceituoso, e trabalhar sob olhares masculinos desconfiados e desafiadores. Isso acaba gerando nelas uma preocupação bem maior em ter que ser muito boa, especialmente na técnica e no manuseio das máquinas. Mari Perrelli:

Já senti o tratamento diferenciado várias vezes. Meu maior desafio sempre foi ser muito boa, ter muita técnica, ser muito ágil, ter identidade. Isso sempre me botou em foco e eu pouco me lixava de estar num palco cheio de homens, a maioria deles sempre ficou olhando pras minhas mãos enquanto eu fazia uma mixagem. Agora meu principal desafio é fazer exatamente a mesma coisa só que na produção musical. Nesse submundo existe mais preconceito ainda, é o mundo dos computadores, coisa de garoto sabe? Me esforço ao máximo todo santo dia porque eu sei que ainda vou calar a boca de muito produtor que fica menosprezando som de mina. (...) Já senti a entonação do preconceito várias vezes. nas conversas de backstage, na pista, na cabine. principalmente dos que tem mais nome. eles são homens, DJs, famosos, quem sou eu perto deles? 'Essa música foi você que fez mesmo?' Eles duvidam de você o tempo todo. (Entrevista à autora, 2018)

DJ Fer Red:

Eu já vivenciei situações, pessoais e com outras minas, em que produtores de eventos querem ter um relacionamento com a DJ no ambiente de trabalho ou em que outros colegas homens não respeitam seus conhecimentos técnicos. Inclusive, é comum termos que 'confirmar' nossos conhecimentos (das minas) com outro homens, mesmo que o outro homem saiba tanto quanto ou menos que a gente. Isso é muito prejudicial para a nossa confiança, enquanto mulheres, temos que arriscar mais, expondo e compartilhando mais o nosso ponto de vista, mesmo que estejamos erradas e depois descobrirmos uma forma melhor de lidar com uma determinada situação técnica. (Entrevista à autora, 2018)

Às vezes, o preconceito chega ao ponto de se manifestar em forma de sabotagem, como é possível observar pelo relato da DJ Janna:

A cena ainda é predominante masculina. Alguns homens subestimam nossa capacidade intelectual, observam nossa técnica e a valorização não é igual a dos artistas homens. Mas nunca abaixei minha cabeça e nem deixei que desrespeitassem meu trabalho. Já aconteceu de não quererem deixar eu subir no palco numa festa que ia me apresentar, mas fui atrás do produtor da festa e resolvi o problema, já aconteceu também de um operador de som abaixar o volume quando entrei após a apresentação de outro DJ. (Entrevista à autora, 2018)

DJ Donna também conta que, ainda hoje, sofre tentativas de boicote em algumas apresentações por parte de funcionários de eventos, como técnicos de som e iluminação e que, por conta disso, teve de aprender o máximo não apenas sobre os equipamentos que usa para tocar, mas até mesmo o básico de iluminação, para não sofrer sabotagens.

Quanto a existir vantagens em ser mulher nesse mercado, as opiniões foram divididas. Donna e Janna acreditam que vantagens são as próprias profissionais que criam, com suas qualidades e profissionalismo, independentemente de gênero. Já Perrelli, é categórica:

(Vantagem) Só se for pra ficarem enchendo sua bola pelos motivos errados né? Se o cenário é predominantemente masculino eu escuto muitos “toca igual homem”, “muito gostosa”, “adoro seu cabelo grande”. Somos o que? Modelos ou DJs? É pra ficar me olhando ou me ouvindo? (Entrevista à autora, 2018)

Fer Red, por outro lado, afirma que a presença feminina na mixagem têm sido valorizada e incentivada, e que muitas ganham oportunidades simplesmente por serem mulheres.

Discordâncias à parte, fato é que essa ainda é uma cena predominantemente composta por homens em toda sua cadeia, de artistas a funcionários. Também há um consenso quanto ao machismo estrutural enraizado no mercado. As DJs muitas vezes são objetificadas e têm sua imagem explorada quando convém aos contratantes. Um exemplo disso são as famosas e tão comuns noites exclusivamente femininas que acontecem em datas comemorativas ou ocasiões especiais, vistas por muitas como uma atitude oportunista que visa apenas ao lucro. Isso porque durante à programação normal das casas de festa, as mulheres geralmente ficam de fora.

Fato é que, ainda que lentamente, essa realidade está mudando. Brasília está cheia de novos coletivos independentes, muitos deles compostos por mulheres que atuam tanto na parte da produção dos eventos, nas curadorias e, felizmente, também como DJs. Naturalmente, essas questões passam a ter mais destaque dentro dos núcleos, gerando mais reflexão sobre o assunto, o que pode, a curto, médio e longo prazo, gerar transformações.

Hoje vivemos um processo de reconfiguração do cenário de música eletrônica underground da cidade, com a inserção de mais mulheres nas posições de destaque. Certamente, um reflexo do movimento global em busca do empoderamento feminino, e do do trabalho das que vieram antes, rompendo com dogmas e se reafirmando na luta pela igualdade de gênero, ainda que essa não tenha sido e não seja uma luta declaradamente partidária.

3. CONCLUSÃO

A partir das entrevistas e do levantamento de referências, fica evidente que a música eletrônica é uma indústria predominantemente masculina em toda a sua estrutura – de artistas a funcionários. Como apontado por relatórios do Brazil Music Conference, da União Brasileira de compositores, além de levantamentos encontrados em revistas especializadas, o número de mulheres é extremamente desigual em comparação ao número de homens, especialmente em posições de poder e de destaque. Esse desequilíbrio entre homens e mulheres existe por conta dos padrões de gênero impostos pela sociedade patriarcal em que vivemos, que geram preconceito e discriminações com relação às mulheres e seus papéis na sociedade.

Falta representatividade. Mulheres são minoria nos line ups de festas e festivais, precisam trabalhar muito mais do que os homens para provar seu valor, não são igualmente remuneradas, muitas vezes não levam créditos pelos trabalhos que fazem e, ainda por cima, são objetificadas e julgadas pela aparência que têm, como se isso interferisse na qualidade do trabalho que desempenham.

Essa realidade vem se transformando lentamente, refletindo a força do movimento feminista que se manifesta em vários nichos da sociedade. Paralelamente a esse movimento global de empoderamento feminino, as mulheres que nos últimos anos se inseriram no mercado de trabalho de DJs, com todas as dificuldades e barreiras, quebraram dogmas e abriram as portas para que outras também assumissem seu espaço. O aumento da representatividade certamente acresce a participação feminina nesse cenário, especialmente a médio e longo prazo.

Fica claro que a inserção das mulheres no mercado profissional da música eletrônica, não depende apenas de talento, mas sim, de uma mudança na maneira de pensar e de um rompimento com os padrões de gênero que impõe que música, tecnologia e equipamentos eletrônicos são "coisas de homem". Desse modo, as que já trabalham como profissionais da música ganharão mais espaço e respeito, e o número de interessadas em se inserir nesse

universo naturalmente vai crescer. É importante que homens e mulheres trabalhem em conjunto contra o sexismo na cena eletrônica.

Por fim, compartilho que essa foi uma pesquisa muito difícil de ser realizada e escrita, mas, durante a produção desse projeto, com todas as dificuldades ele me trouxe, pude aprender muito, não apenas sobre o mercado profissional no qual estou inserida e sobre as razões que o fazem ser como é, não apenas sobre os personagens das histórias aqui contadas e como elas se deram, mas especialmente sobre mim, sobre a minha vida e sobre as minhas escolhas.

Eu espero poder viver para ver o dia em que será estranho, e não mais comum, ver o popular "paredão de boys" subir aos palcos das festas e festivais ao redor do mundo.

4. REFERÊNCIAS

ASSEF, Claudia. *Todo DJ Já Sambou: a história do disc-jóquei no Brasil*. São Paulo: Conrad, 2003.

BACAL, Tatiana B. *Músicas, máquinas e humanos: os DJs no cenário da música eletrônica*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social - PPGAS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

BALDELLI, Débora. *Acertando o Pich: Uma etnografia musical da cena eletrônica no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado em Música. UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

BALDELLI, Débora. 2004. *A música eletrônica dos DJs e a produção de uma "nova escuta"*. In: V Congresso da IASPM-LA. 21 a 25 de junho. Rio de Janeiro: Unirio. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/228449947_A_Musica_Eletronica_dos_DJs_ea_Producao_de_uma_'Nova_Escuta'>

BELISÁRIO, K., GERALDES, E. & MOURA, D. *Para "Inglês" Ver: Apontamentos Sobre Representações Da Mulher Brasileira Em Casos Repercutidos Na Imprensa Internacional*. Sociais e Humanas, Santa Maria, v. 26, n. 03, set/dez 2013, p. 467 - 477. Disponível em: <https://www.academia.edu/33228049/Para_Ingl%C3%AAs_Ver_Apontamentos_Sobre_Representa%C3%A7%C3%B5es_Da_Mulher_Brasileira_Em_Casos_Repercutidos_Na_Imprensa_Internacional>

BONETTI, Alinne de Lima. *Desigualdade de gênero*. Série "O Direito achado na rua" vol. 5. Brasília: UnB, 2012.

BRMC - BRAZIL MUSIC CONFERENCE. Anuário 2016. Disponível em: <https://issuu.com/riomusicconference/docs/pdf_anuario_issue>

BUSBY, Alex. 2015. *The Evolution of the DJ (Part One)*. Disponível em: <<http://lonelytable.net/features-1/2015/the-evolution-of-the-dj-part-one>>

CASTELLOTTI, Carla. 2015: *O ano em que começamos a falar sobre a mulher na música eletrônica*. Thump, 22 de dezembro de 2015. Disponível em: <https://thump.vice.com/pt_br/article/2015-mulheres-musica-eletronica>

CAVAZOTTE, F., OLIVEIRA, L. B., & MIRANDA, L. C. (2010). *Desigualdade de gênero no trabalho: reflexos nas atitudes das mulheres e na sua intenção de deixar a empresa*. Revista de Administração, 45(1), 70-83. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/308001514_Desigualdade_de_genero_no_trabalho_reflexos_nas_atitudes_das_mulheres_e_em_sua_intencao_de_deixar_a_empresa>

COIMBRA, Kelly. 2018. *Afinal, que história é essa de Empoderamento Feminino?* Disponível em: <<https://kellycoimbra.com/empoderamentofeminino/>>

FARRUGIA, Rebekah. 2004. *Sisterdjs in the House: Electronic/Dance Music and Women-Centered Spaces on the Net*. *Women's Studies in Communication*. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/233440909_Sisterdjs_in_the_House_ElectronicDance_Music_and_Women-Centered_Spaces_on_the_Net>

FERREIRA, Pedro Peixoto. *Música eletrônica e xamanismo: Técnicas contemporâneas do êxtase*. Tese de doutorado em Ciências Sociais. PPGCS/UNICAMP, Campinas - SP, 2006.

FONTANARI, Ivan Paolo de Paris. *Os DJs da Perifa: música eletrônica, mediação, globalização e performance entre grupos populares em São Paulo*. Tese de doutorado em Antropologia Social - UFRGS, Porto Alegre, 2008.

IZEL, Adriana. Balada da Bomb comemora 20 anos com festa especial no Arena Futebol Clube. *Correio Brasiliense*, 03 de março de 2015. Disponível em: <http://df.divirtasemais.com.br/app/noticia/hit/2015/03/03/noticia_hit,153581/balada-da-bomb-comemora-20-anos-com-festa-especial-no-arena-futebol-clube.shtml>

IZEL, Adriana. *Confronto Sound System comemora 10 anos com música eletrônica, reggae e dub step*. *Correio Brasiliense*, 20 de julho de 2014. Disponível em: <http://df.divirtasemais.com.br/app/noticia/hit/2014/07/20/noticia_hit,150460/confronto-sound-system-comemora-10-anos-com-mistura-de-musica-eletroni.shtml>

LANDFALL, Heliene. *Behind the music: Where are the women at the biggest festivals?*. *The Guardian*, 1 de julho de 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/music/2011/jul/01/women-music-festivals-bands>>

MANDRAKE. Morre aos 52 anos DJ Celsão, ícone da música negra de Brasília. *Rap Nacional*, 5 de julho de 2015. disponível em: <<http://www.rapnacional.com.br/morre-aos-52-anos-dj-celsao-icone-da-musica-negra-de-brasilia/>>

MATOS, Hélio Ricardo Carvalho. *Traços da pós-modernidade: O discurso dos DJs da cena techno de Brasília*. Monografia em Comunicação Social - Uniceub, Brasília, 2005. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1327/2/20164509.pdf>>

MCCARTHY, Zel. *Line-ups Não Mentem: A Música Eletrônica Ainda É um Clube do Bolinha*. *Thump*, 10 de junho de 2014. Disponível em: <https://thump.vice.com/pt_br/article/line-ups-nao-mentem-a-musica-eletronica-ainda-e-um-clube-do-bolinha>

NICKLAS, Felix. O primeiro DJ do mundo. *Vice*, 19 de fevereiro de 2010. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/53mzzx/o-primeiro-dj-do-mundo>

SONG, Sandra. *Mulheres levantam a voz contra o sexismo na dance music*. *Thump*, 27 de abril de 2015. Disponível em:

<https://thump.vice.com/pt_br/article/as-mulheres-levantam-a-voz-contra-o-sexismo-na-danc-e-music>

TEIXEIRA, Marcelo Augusto de Almeida. *Políticas da pista - O underground eletrônico Brasiliense*. 2012. Não publicado.

UBC - UNIÃO BRASILEIRA DE COMPOSITORES. Por elas que fazem a música: relatório. 2018. Disponível em:

<http://www.ubc.org.br/anexos/publicacoes/arquivos_noticias/porelasquefazemamusica2018.pdf>

VAZQUEZ, Eliza Rebeca Simões Neto. *A aprendizagem de três produtores de música eletrônica de pista: a interação na pista, no ciberespaço e o envolvimento com as tecnologias musicais de produção*. Trabalho de mestrado em Música - UnB, Brasília, 2011.

5. ANEXOS

ENTREVISTA 1 - Débora Carvalho (DJ Donna)

Como começou sua carreira na música eletrônica (não necessariamente como dj)?

R: Eu decorava pista de dança com temáticas, fazíamos instalações artísticas no ano 2000 e naquele ano não havia uma DJ Mulher em destaque em BSB, meu amigo que era DJ das pistas que eu decorava quem me incentivou a ser DJ.

Ainda toca? Se sim, há quanto tempo? E, se não, por que parou?

R: Ainda toco, à 18 anos.

Foi influenciada por alguma DJ antes de começar? Existiam outras mulheres tocando em Brasília ou no Brasil antes de você, ou que começaram ao mesmo tempo?

R: Não havia Djs mulheres em BSB, André Costa na época conhecido como DJ Isn't quem me incentivou, acredito que no Brasil sim já havia, mais eu não conhecia na cena do RAP apenas de música eletrônica, DJs de House Music.

Você vive de música hoje?

R: Somente vivo e sustento meu filho de 12 anos com a música.

Já sentiu alguma dificuldade por ser mulher nesse meio? Qual foi seu principal desafio enquanto mulher atuante na cena de música eletrônica?

R: Senti apenas quando sai da música eletrônica e fui ser DJ de RAP (Hip Hop), meu único desafio foi na cena do Hip Hop, era ser profissional, qualificada e ter os equipamentos que até hoje são bem caros, na Cena do Hip Hop em 2000 e pouco não me chamavam pra tocar, comecei a produzir pista de Hip Hop dentro das festas de música eletrônica.

Já sofreu algum preconceito trabalhando como DJ por ser mulher? Já sofreu algum assédio sexual ou moral trabalhando na noite?

R: A gente sempre chega e infelizmente até hoje alguns homens na área de técnica de som, PA nos recebem com aquele olhar de... duvido que sabe tocar rs, mais como sempre fiz questão de me profissionalizar tiro de letra, eles chegam a ficar de boca aberta rs. Assédio sexual propriamente dito não pq sempre tive uma postura e imposição do que eu era e sempre chego com aquela cara de que não to ali pra brincadeira rs, o que eles tentam é boicotar seja no som, na luz mais eu aprendi tudo isso, a montar som e ter noção de iluminação justamente pra não me boicotarem.

Tem filhos e/ou é casada? Se sim/não, isso de alguma maneira foi afetado positivamente ou negativamente pela sua carreira na música eletrônica?

R: Tenho um filho de 12 anos e sou separada a 9 anos. Sempre rola aquela dificuldade, de com quem vai ficar o filho pra vc trabalhar, viajar... mas sempre tive parceiros(as) sejam minhas irmãs, o padrinho do meu filho e as vezes o pai dele mesmo. Nunca permiti que meu filho fosse uma dificuldade, problema na minha carreira, pelo contrário, a existência dele quem me dá forças pra lutar, amamos música é essência na nossa vida.

Existe alguma vantagem em ser DJ mulher?

R: As vantagens somos nós que criamos, com nossas qualidades, nosso profissionalismo seja homem seja mulher, nunca me coloquei no papel de sou vítima, sou fraca, sou sensível por ser mulher, sempre caminhei o inverso... Sou foda, sou resistência, sou forte, sou guerreira por ser mulher!

Como você acha que está a questão da representatividade feminina nos line ups no Brasil e no exterior?

R: Bem melhor agora, bem mais fodaaaaaa.

O que você acha de line ups 100% femininos? E quando utilizam isso como a temática da festa?

R: Acho que é uma forma de darmos oportunidades a nós mesmas, mais até ai somos boicotadas pelo público, principalmente masculino, virou uma forma de segregar e eu hoje em dia penso se nossa luta é pra estar no meio, pau a pau com eles porque separar?

Você tem sido chamada pra tocar em festas com curadoria 100% masculina? Como foram essas experiências?

R: Antigamente sim, nessa época ficava batendo o pé pra agregar mais mulheres, tanto que criei um Festival voltado para as mulheres que se chama Conexões Urbanas Impressões Femininas na Cultura de Rua (bem na Cultura Urbana que ainda é machista) e faço a curadoria do Palco de Arte urbana no Festival Satélite 061 no Palco Radiofusão, revolucionamos toda a cena estamos em todas as partes, produtora, roldie, técnica de som, curadora e etc

Você faz parte da produção de alguma festa? Vê outras mulheres que também participam de produções? Esse ambiente também é predominantemente masculino?

R: Faço Parte dos Festivais : Satélite 061, Favela Sounds, Latinidades, Conexões Urbanas Impressões Femininas na Cultura de Rua, produzo a Boom Bap que é na rua e recentemente da YoruBeat em São Paulo. BSB está tomada pela mulherada nas produções, o ambiente não é mais predominante masculino.

Você considera a cena de música eletrônica machista? Se sim, o que considera central para revertermos esse cenário?

R: A cena da música eletrônica na minha época 2000 e pouco não era, como faz anos que sai, não sei te dizer mais rs. A cena do Hip Hop ainda é ! Menor, mais fraca porque nunca desistimos de estar presentes, firmes e fortes.

ENTREVISTA 2 - Fernanda Maciel (DJ Fer Red/DJ Nambu)

Como você iniciou sua carreira na música eletrônica (não necessariamente como dj)?

R: Eu iniciei minha carreira na música eletrônica em 2006, durante a primeira greve estudantil que vivenciei na UnB. Eu já havia terminado o ensino médio e passado para o curso de Letras na UnB, como houve a greve as minhas aulas que deveriam começar em março começaram em maio. Eu já tinha treinamento musical desde a infância, por meio do piano com a minha tia-avó Irene, e por meio do contrabaixo elétrico e da bateria, e em todos os casos, fiz também aulas de teoria musical. Eu tinha muito tempo livre e apesar de sempre ser grande fã do rock psicodélico dos anos 70 e do hard rock dos anos 60, este foi o primeiro momento em que tive contato com música eletrônica.

Muitos dos meus amigos tinha pais liberais que deixavam eles e elas frequentarem bares, trances e love parades enquanto eram menores de idade. No meu caso, alcancei minha liberdade com o ensino superior (meus pais com certeza não concordariam com essa frase e diriam que eu já era rebelde e livre antes), mas foi quando eu me senti realmente livre.

Eu comecei brincando com o programa 'frootloops' (nem sei se é assim que escreve), alguns hits do Infected Mushroom e de trance psicodélico, como Shpongle, e mergulhei mesmo com sons minimal technos, praticamente tudo da gravadora Minus, Troy Piecer, Trentemoller, ou IDM, como a indústria chamava artistas como Aphex Twin. Além de dançar, eu gostava muito de ouvir sons chill out ou two step, principalmente uns dos primeiros dubsteps da época Burial (é impressionante como a definição musical de um gênero na música eletrônica pode mudar com o tempo).

Eu estudei com o Rami Live do Forró Red Light, com o Reinehr e por vias deles conheci outros artistas como Bruno Iunes, e não só da música, como Bob Melvin. Ele tinham um grupo formado, e eu comecei meu primeiro coletivo com colegas da UnB no projeto 408 que era onde a nossa república informal estava estabelecida. Éramos eu aka Fer Red, Loretta, Ud e Manas, com as manas do rolê sempre curtindo muito, Lud e Alina Patroa. A galera toda era muito unida e foi um dos melhores momentos da minha vida artística, entre os anos de 2006 e 2009.

Os equipamentos eram absurdamente caros (como em alguns casos podem ser até hoje) e

lembro que a falta de recursos marcava a diferença do nosso grupo em relação aos outros, não tínhamos pensão, nem apoio dos nossos pais e conseguir equipamento para ensaiar era onde gastávamos boa parte dos nossos esforços. Naquela época, mesmo ter um notebook era raro, imagina uma controladora, ou um bom mixer com cdjs. Depois disso posso dizer que fiz uma transição entre tocar e organizar eventos, justamente para tentar viabilizar a parte financeira. Ser do underground nunca ajudou a fazer a parte contábil das produções.

Ainda toca? Se sim, há quanto tempo? E, se não, por que parou?

R: Eu ainda toco como hobby, às vezes faço uns gigs inesperados, mas gosto mesmo de organizar eventos, de preferência, de resistência e com muito estranhamento artístico inicial. Gosto de trabalhar com novidades e vendo aquela cara estranha que a pessoa faz quando não sabe o que ela está ouvindo, porque ela nunca ouviu. Adoro ouvir as descrições bizarras das músicas que toco e ouço, e não tem como nomear porque o gênero pode nem ter se consolidado ainda “Adorei essa track meio isso meio aquilo”. Acho que não tocar o que as pessoas esperam ouvir foi sempre o principal problema da minha carreira de dj. Adoro abrir/fechar eventos, se quiserem podem me chamar que eu vou! Tocar para uma pista não desperta o melhor em mim, atualmente sou professora, e essas coisas podem estar relacionadas. Já fiz set de hip hop anos 90 em abertura de festa do Guerrilha, já fiz set chill trap e abstract hip hop em abertura do Pic Nik, eu já quis ser famosa, reconhecida, mas hoje eu sou só eu e está bom.

Você foi influenciada por alguma DJ antes de começar? Existiam outras mulheres tocando em Brasília ou no Brasil antes de você, ou que começaram ao mesmo tempo?

R: As djs que mais influenciaram o começo da minha carreira foram Miss Kittin e a Magda, não que houvessem muitas, elas até hoje tem uma técnica de mixagem excepcional. No Brasil tinha a Eli Iwasa, ela tinha feito um curso da Red Bull Academy sem ter um nome grande na cena (na época), e com certeza era uma inspiração feminina. Além, claro, do set dela ser excelente. Em Brasília, tinha a Telma e Selma do rock, indie, mas eu não ia nestes eventos, era também o caso da dj Donna do hip hop. Eu fui aos primeiros 50 5uintos e não lembro de nenhuma dj mulher. Só em 2009, quando eu fiz um intercâmbio de graduação, eu conheci a

Tatiana Sanches, ela já tinha sido dj em Brasília, já tinha ido pra São Paulo e já estava em Berlim, ela foi a primeira dj mulher que eu conheci pessoalmente, assim na minha frente.

Você vive de música hoje?

R: Não, mas eu ainda trabalho com música. Agora mesmo, estou para lançar o primeiro ep da minha gravadora de hip hop da Guiné-Bissau, Batalha di Ermondadi. Sou pesquisadora e professora, dou aulas universitárias e de português para estrangeiros. Minha pesquisa é um gramática do crioulo guineense e faço entrevistas em Bissau, Bafata, Gabu... onde com certeza convergiram os meus conhecimentos técnicos de áudio com as pesquisas acadêmicas. Gravo com um Tascam que tem integrado dois microfones condensadores de grande amplitude de captação, onde posso regular as posição em A-B ou X-Y a depender do ambiente físico a meu redor. Também quero começar uma noite mensal em Amsterdam para redescobrir sons que tenho no meu arquivo pessoal, um lounge com meu amigo Tomé aka Tesla, do ex-Guerrilha, com o nome holandês “Keesom Iiees”.

Já sentiu alguma dificuldade por ser mulher nesse meio? Qual foi seu principal desafio enquanto mulher atuante na cena de música eletrônica?

R: Muita. Eu já tive muitas mágoas por causa disso, e tem até situações que eu nunca vou superar, como a vez que se recusaram a por meu nome num flyer alegando que não ficava bom na estética, os demais djs homens tiveram seus nomes no flyer e todos eles tinham começado a tocar depois de mim. Isso me fez me afastar um pouco da arte de mixar.

O meu principal desafio enquanto mulher foi acesso aos equipamentos. Entre 2006-2010, quando os equipamentos eram muito caros, muitos rapazes tiravam proveito da situação porque tinham mais acesso. Inclusive quando comecei, várias djs que eram famosas no mundo eram namoradas de djs. Não acho que os relacionamentos eram por causa disso, mas elas tinham acesso a equipamentos que era de muito mais difícil acesso para uma dj iniciante.

O Da Bomb foi a primeira escola de djs do plano piloto e lembro que achei revolucionário, embora eu não estivesse curtindo hip hop ainda e não me inscrevi. A primeira pessoa que me ajudou a ter acesso a equipamentos foi o Miguel do Pic Nik, em 2006, 2007. A gente praticava com as cdjs dele nos fins de semana e tocávamos todos juntos numa calourada de

três pistas da UnB que ele e vários outros amigos organizavam.

Nessa época eu também queria aprender produção e a única pessoa que eu conhecia com estes conhecimentos era o pessoal do Ramiro. Ele era casado com a Tércia Araújo e ela também nunca se importou da gente estudar juntos, mesmo eu sendo mulher, o que podia ser um problema para as namoradas dos djs na época (ou hoje?).

Eu poderia dizer que também já houve algum tipo de assédio por como as pessoas me viam, mas não sei se isso seria relacionado a ser DJ ou simplesmente ser mulher.

Já sofreu algum preconceito trabalhando como DJ por ser mulher? Já sofreu algum assédio sexual ou moral trabalhando na noite?

Ok, assim fica mais claro. Eu já vivenciei situações, pessoais e com outras minas, em que produtores de eventos querem ter um relacionamento com a dj no ambiente de trabalho ou em que outros colegas homens não respeitam seus conhecimentos técnicos. Inclusive, é comum termos que ‘confirmar’ nossos conhecimentos (das minas) com outro homem, mesmo que o outro homem saiba tanto quanto ou menos que a gente. Isso é muito prejudicial para a nossa confiança, enquanto mulheres, temos que arriscar mais, expondo e compartilhando mais o nosso ponto de vista, mesmo que estejamos erradas e depois descobrirmos uma forma melhor de lidar com uma determinada situação técnica.

Quanto à investidas inapropriadas, ao longo dos anos eu refleti sobre alguns pontos: artistas em geral tem muito magnetismo pessoal e uma certa sensualidade na profissão, desperta um desejo, um sentimento no público, mas ser assediada por colega de trabalho é um problema em qualquer profissão. Como nos eventos as pessoas estão no ambiente de lazer e entretenimento de outras pessoas, a divisão trabalho-lazer não fica bem delimitado. Enquanto mulheres, podemos combater isso sendo extremamente profissionais, evitando expor muita da nossa vida pessoal no ambiente de trabalho, mantendo um certo distanciamento, ao menos durante o período do trabalho. Nós temos que encontrar estratégias para superar estes desafios, não podemos esperar que as pessoas mudem.

Meu objetivo aqui não é expor outras pessoas, até porque as poucas pessoas com quem tive problemas sabem o que me incomodou, eu sempre fui muito clara, e outras eu simplesmente nunca mais trabalhei com elas. Isso me lembra um pouco sobre relacionamentos abusivos que

partem para a violência física, dificilmente se a mulher sofre esse tipo de violência, será algo pontual, em geral o casal vive na mesma casa ou os dois estão juntos sempre. Se você tem um colega de trabalho que te assedia, dificilmente será só uma vez, você é obrigada a ir trabalhar para o seu sustento.

Hoje, escolhi não depender economicamente da música e da produção de eventos para poder financiar eu mesma projetos que acredito, ou criar iniciativas colaborativas, de preferência com pouco uso de dinheiro. Gosto muito da minha profissão de pesquisadora e professora e sempre que posso monto a ponte entre a academia, a música e eventos culturais undergrounds.

Tem filhos e/ou é casada? Se sim/não, isso de alguma maneira foi afetado positivamente ou negativamente pela sua carreira na música eletrônica?

R: Sou casada e não tenho filhos. Meu marido começou a carreira de dj comigo, Thiago, ou Manaus/Manas na época, e eu prossegui na música. Ele ainda aproveita muito em casa e indo a eventos. Isso teve um impacto muito positivo na minha carreira, primeiro porque ele também gosta muito de música e de música eletrônica, depois sempre foi muito bom tê-lo comigo nos momentos de desafio que a arte traz. Negativamente, eu diria que mulheres solteira são mais atraentes que mulheres casadas (risos). Isso teve algum impacto negativo por eu não ser uma dj famosa, ou com uma técnica extremamente profissional. Todo artista pode usar o seu corpo/identidade como manifesto da sua arte dentro e fora dos palcos, seja em estilo, roupas, porte físico, mídias sociais, etc.

Ter que estar sempre em festas, acordar tarde, dormir de manhã, é um pró pra quem, como eu, gosta de uma vida mais flexível, lidando menos com o mundo 8-18. Já para o relacionamento é um contra e a médio-longo prazo pode ser muito desafiador para o parceiro ou parceira. Além de muitas vezes o ambiente de festa ser um pouco tóxico, facilmente um dj que sai à noite todos os dias pode acabar, por exemplo, bebendo todos os dias e desenvolver uma relação de dependência que ele ou ela nem perceba, o que também compromete a vida social, além dos eventos.

Existe alguma vantagem em ser DJ mulher?

R: Hoje, com certeza! E fico muito feliz por isso! As pessoas estão valorizando a presença

feminina na mixagem, incentivando, dando oportunidades, e simplesmente porque elas são mulheres. Lembro-me de vários colegas homens lançarem seus aprendizes nas festas (em geral as pessoas para quem eles emprestavam os equipamentos). Os meninos tinham ótimas playlist/arquivos mas eram super verdinhos, já tinham nome no flyer, e os mais velhos sempre passavam a vez para eles durante os sets.

Em festas informais, os djs mais experientes sempre podem levar um aprendiz para eles tocarem juntos um pouco, incentiva o aprendiz a desenvolver suas habilidades com o público também. Em 2006 como eu disse havia pouquíssimas mulheres. Mas em 2010, durante os nossos projetos Araberto e Dia Bass na concha acústica da UnB, lembro-me do Allan Villar levar uma amiga para tocar com ele. Um pouco depois o Komka lançou a Mari Perrelli e até hoje tem várias minas entrando na mixagem a toda hora, algumas amigas como Linda Green, que já se consolidou na cena, Babilous e Selekhtha Joy, alcançando mais espaço. Fico muito orgulhosa de ver as minas se jogando.

Algumas pessoas são rígidas com a profissão de mixagem e acham que muitas pessoas “não djs” se auto intitulam “djs”. Eu não sou purista nesse sentido, a escola do dj é a vida, você pode se especializar em conhecimentos de áudio e você não deve ser irresponsável e queimar equipamentos de outras pessoas, ainda que possa acontecer. Existe um mínimo de conhecimento técnico com os equipamentos, mas em relação a mixagem todo mundo foi aprendiz um dia, tocando em casa, na festinha dos amigos, na boate ou onde a pessoa conseguir o gig.

A ideia de que uma mulher pode usar o corpo para atrair atenções ou conseguir mais oportunidades de trabalho existe em qualquer profissão, e em ambos os sexos, apesar de só nós sofreremos essa crítica. Tem muito dj homem beneficiado por ser ‘bonito’, com ou sem técnica de mixagem. Eu diria que a beleza, a sensualidade, o cuidado com a imagem pessoal podem ser instrumentos em qualquer aspecto das nossas vidas, seja no trabalho, na vida pessoal, e mais ainda na esfera sexual. Acho injusto as pessoas condenarem o alcance profissional de uma pessoa alegando que tal dj só consegue gigs porque é ‘bonita’ ou ‘gostosa’. Mesmo que alguém possa usar esses atributos, assim como ‘ser famoso’, no fim é o público que acaba priorizando estes aspectos em detrimento de um som bom ou uma boa técnica, não acho que a culpa é da dj ou do dj em si.

Como você acha que está a questão da representatividade feminina nos line ups no Brasil e no exterior?

R: Eu ainda acho a representatividade pequena. Ainda percebo uma lacuna de acesso à técnicas mais refinadas e equipamentos de ponta, e se você procurar em grandes labels e agências de dj, a maioria absoluta dos nomes ainda é masculina. Isso ainda acontece por uma assimetria de acesso ao conhecimento e aos equipamentos. Eu tive oportunidade de cursar um ano de Produção Musical na faculdade Anhembi-Morumbi antes de iniciar meu doutorado fora de São Paulo. Éramos duas turmas mais ou menos 30 alunos cada (o limite por causa da infraestrutura técnica da faculdade) e eu tinha apenas uma colega mulher, a Loll’Nzzel, artista experimental excelente. Todos os demais alunos e professores eram homens.

O que você acha de line ups 100% femininos? E quando utilizam isso como a temática da festa?

R: Acho desnecessário, a não ser que a proposta do evento seja só empregar mulheres, numa proposta ativista. Nesse caso, não deveria se restringir ao line-up, mas a toda a produção. Pra mim, é importante ter coerência nestes momentos.

Eu fiz uma oficina de mixagem no II Mulherada e mixei o primeiro set do evento. Lembro que algumas pessoas me criticaram por fazer a oficina, por não ser uma dj que tocasse todo fim de semana, mas eu estava cursando o curso de Produção que incluía disciplinas de mixagem, já tinha bastante experiência, e achei a oportunidade excelente para compartilhar conhecimento. Levei meu equipamento e fui. Nunca na minha vida eu vou negar conhecimento, não importa a crítica, nem que haja só uma pessoa para partilhar.

Lembro também que em algumas áreas, como técnica de som, era eu e principalmente o Ramiro cuidando, porque eu também não tinha a experiência para estar sozinha. Aprendi e ensinei. Ainda há muitas áreas na produção de eventos com poucas mulheres atuando, por exemplo técnico de som, por isso acredito que alguns eventos ativistas priorizem a contratação de mulheres, mas não se restrinjam a elas.

Você tem sido chamada pra tocar em festas com curadoria 100% masculina? Como foram essas experiências?

R: Os line-ups 100% masculinos da minha vida foi mais no começo, quando eu atuava mais como dj, e, seja como dj ou produtora de evento, observei que é bom saber a hora em que cada dj toca e definir bem o espaço de tempo no line-up. Às vezes os djs homens continuam tocando no horário de outras colegas ou outros colegas, principalmente, se a pessoa estiver com o horário de pista. Em geral, homens se recusam a tocar a fora dos horários de pista, consideram menos importantes.

Você faz parte da produção de alguma festa? Vê outras mulheres que também participam de produções? Esse ambiente também é predominantemente masculino?

R: Eu produzi e participei de diversos projetos culturais, mas meus principais eventos foram: na UnB, Dia Bass (com o produtor de eventos Lenine Nankassa, DJ Batma, DJ Torch, e uma edição com o DJ Dolores e) e Araberto (com o Pedro Nofun, grafiteiro, com o Tesla, antes de ser Tesla, com o Rami e com a Téssia) na concha acústica, as edições do TechXStep (com o Tesla e com a colaboração de vários artistas do grafite, Pedro Drão, Produções Klandestinas), e também fundei o Guerrilha 17n, antes por exemplo da entrada do Zkeeter. Também estou em andamento com dois novos projetos, Batalha di Ermondadi e Keesom Iiees, que já mencionei.

Atualmente tenho várias amigas que estão se desenvolvendo nas mixagens e que tem produzido eventos. Eu tinha mais amigas que eram assistentes de produção/promoter, como a Linda Green, fizemos vários eventos juntas. Sou grande fã dela.

Gradativamente, a quantidade de mulheres na cena tem aumentado. Antes éramos mais assistentes de produção e hostess, agora já ocupamos espaços importantes como o line-up e o gerenciamento dos eventos, para além da produção dos projetos escritos. Acredito que a tendência é diminuir a diferença conforme as tecnologias de áudio ficarem mais baratas e as mulheres tiverem mais acesso aos conhecimentos de áudio e gerenciamento de eventos.

Você considera a cena de música eletrônica machista? Se sim, o que considera central para revertermos esse cenário?

R: Um pouco, pelos vários motivos já elencados. Ao mesmo tempo em que tive homens que me deixaram pra baixo e me fizeram querer desistir de ser dj, eu tenho vários outros que

foram fundamentais para a minha formação, que sempre incentivaram a minha carreira, e sou muito grata a eles. Eu acho que para superarmos esse cenário, as mulheres tem que resistir, insistir e continuar fazendo o que elas gostam e querem, independente de críticas.

Acho importante assumirmos uma postura profissional e evitarmos ser dependentes de homens para realizarmos nossos objetivos com a música. Temos que trabalhar a nossa segurança e contar mais com fóruns de discussão e apoio mútuo para adquirir conhecimento, afinal homens também dependem desses recursos para crescer na profissão. Acho fundamental que as djs mulheres já consolidadas no mercado, adotem aprendizes mulheres e repassem seus conhecimento, e não apenas fiquem confortáveis em seus lugares após adquirir a credibilidade masculina no mercado.

Para mim, o ponto principal é não esperar que as pessoas mudem, mas ser a própria mudança, nas nossas próprias ações. Não adianta se beneficiar com o discurso feminista e na hora de ensinar a colega adotarmos uma postura arrogante, como muitos homens fazem conosco.

ENTREVISTA 3 - Janaina Souza (DJ Janna)

Como começou sua carreira na música eletrônica (não necessariamente como dj)?

R: Fiz um curso de djs na loja Da Bomb no conic em 2011 com o DJ Ocimar, e toquei oficialmente pela primeira vez na festa Celebration que aconteceu no Espaço Floresta em Outubro do mesmo ano. Sempre toquei hip hop e suas vertentes.

Ainda toca? Se sim, há quanto tempo? E, se não, por que parou?

R: Ainda estou em atividade, já discoteca a 7 anos.

Foi influenciada por alguma DJ antes de começar? Existiam outras mulheres tocando em Brasília ou no Brasil antes de você, ou que começaram ao mesmo tempo?

R: Antes de começar a tocar, uma DJ de Brasília que me inspirou foi a Thaís Katze, eu ainda era leiga sobre a cena de música eletrônica e conhecia poucos artistas. Mas depois que fui me inserindo no mercado e conhecendo mais representantes da cultura, uma mulher que me

inspirou muito foi a DJ Donna, atualmente minha amiga e parceira no projeto Boom Bap, única que tocava Hip Hop na época em que comecei.

Você vive de música hoje?

R: Viver somente de arte no Brasil é um tanto quanto complicado quando você não está inserido no mercado comercial, o meu tipo de trabalho é mais alternativo, então eu tenho uma outra profissão paralela a de dj para me manter financeiramente.

Já sentiu alguma dificuldade por ser mulher nesse meio? Qual foi seu principal desafio enquanto mulher atuante na cena de música eletrônica?

R: Sim, a cena ainda é predominante masculina. Alguns homens subestimam nossa capacidade intelectual, observam nossa técnica e a valorização não é igual a dos artistas homens. Mas nunca abaixei minha cabeça e nem deixei que desrespeitassem meu trabalho. Já aconteceu de não quererem deixar eu subir no palco numa festa que ia me apresentar, mas fui atrás do produtor da festa e resolvi o problema, já aconteceu também de um operador de som abaixar o volume quando entrei após a apresentação de outro dj.

Já sofreu algum preconceito trabalhando como DJ por ser mulher? Já sofreu algum assédio sexual ou moral trabalhando na noite?

R: Uma vez fui contratada pra tocar em outro estado, e o promotor da festa dar em cima de mim. Em Brasília no início da minha carreira um homem fez um comentário em uma foto minha desqualificando meu trabalho sem ao menos me conhecer direito.

Tem filhos e/ou é casada? Se sim/não, isso de alguma maneira foi afetado positivamente ou negativamente pela sua carreira na música eletrônica?

R: Não tenho filhos, nem sou casada no papel. Mas vai fazer quase 3 anos que estou em um relacionamento estável, e meu companheiro tem um filho de 11 anos que mora conosco. Ele me conheceu através dos eventos que toco, sempre me apoiou como artista e frequenta sempre que pode os lugares que eu toco. Só tenho a agradecer pelo apoio que ele me dá, pois sei muito bem que isso é raro. Principalmente por ser mulher e trabalhar na noite, mas ele sabe da minha seriedade e profissionalismo.

Existe alguma vantagem em ser DJ mulher?

R: Não vejo vantagem nem desvantagem. Sempre lutei e ainda luto pela igualdade.

Como você acha que está a questão da representatividade feminina nos line ups no Brasil e no exterior?

R: Acredito mais que a minha postura como pessoa influencia, o respeito que tenho pela cultura, o respeito que sempre tive pela velha escola e como iniciei meu trabalho. Sempre gostei de tocar um som mais pesado, underground, com bastante grave, e isso as vezes surpreende as pessoas pelo fato de eu ser mulher. Diversas vezes já me falaram que achavam que era um homem que estava tocando.

O que você acha de line ups 100% femininos? E quando utilizam isso como a temática da festa?

R: Eu acho foda, por que a maioria dos line ups são 100% masculinos. Então quando rola de juntar as mulheres que representam eu fico muito feliz pois estamos mostrando que somos tão boas quanto eles, isso quando são eventos produzidos principalmente por mulheres. Por que também rola oportunismo por parte de alguns promotores homens, no mês da mulher, e outras datas comerciais.

Você tem sido chamada pra tocar em festas com curadoria 100% masculina? Como foram essas experiências?

R: Sim, na maioria dos eventos que toco a curadoria é 100% masculina. Foram experiências boas, pessoas que já estou acostumada a trabalhar e que me respeitam.

Você faz parte da produção de alguma festa? Vê outras mulheres que também participam de produções? Esse ambiente também é predominantemente masculino?

Faço parte da Boom Bap com a DJ Donna, conheço outras mulheres que trabalham com produção e mandam muito no que fazem, deixam muitos homens no chinelo. Mas também ainda estão em minoria.

Você considera a cena de música eletrônica machista? Se sim, o que considera central para revertermos esse cenário?

R: Sim, ainda é machista e a solução é continuarmos lutando contra isso, nos apoiando sempre.

ENTREVISTA 4 - Mariana Junqueira (DJ Amy Jane)

Como você iniciou sua carreira na música eletrônica (não necessariamente como dj)?

R: Gostava de produzir música eletrônica. Meus amigos eram djs, virei dj também.

Ainda toca? Se sim, há quanto tempo? E, se não, por que parou?

R: Não toco mais. Parei por que acho o ambiente muito louco, muito fútil, uma cena palha demais. Também acho a música muito quadrada e repetitiva.

Você foi influenciada por alguma DJ antes de começar? Existiam outras mulheres tocando em Brasília ou no Brasil antes de você, ou que começaram ao mesmo tempo?

R: Na época que comecei não tinha nenhuma dj de techno na ativa em Brasília pelo que eu me lembro. Logo depois surgiu a Mari Perrelli. Mas havia algumas minas de SP, BH e Rio. Na época eu curti o som da Eli Iwasa, ela era demais.

Você vive de música hoje?

R: Sim

Já sentiu alguma dificuldade por ser mulher nesse meio? Qual foi seu principal desafio enquanto mulher atuante na cena de música eletrônica?

R: Sim, queria me comercializar como produto, Dj que posa de gatinha.

Já sofreu algum preconceito trabalhando como DJ por ser mulher? Já sofreu algum assédio sexual ou moral trabalhando na noite?

R: Acho que não como dj, só como técnica de som. Ninguém botava fé de ter uma técnica mulher trabalhando na mesa de som de um evento.

Tem filhos e/ou é casada? Se sim/não, isso de alguma maneira foi afetado positivamente ou negativamente pela sua carreira na música eletrônica?

R: Não tenho filhos

Existe alguma vantagem em ser DJ mulher?

R: Acho que não, não sei. Mas na época que eu comecei pelo menos aqui em Brasília dj mulher era raro, isso tinha algumas vantagens, mas muitas desvantagens também.

Como você acha que está a questão da representatividade feminina nos line ups no Brasil e no exterior?

R: Melhorou pra caralho.

O que você acha de line ups 100% femininos? E quando utilizam isso como a temática da festa?

R: Acho massa! Tem que ter mesmo, já que tem tantas festas predominantemente masculinas.

Você tem sido chamada pra tocar em festas com curadoria 100% masculina? Como foram essas experiências?

R: Não lembro, mas parecia ser de boa.

Você faz parte da produção de alguma festa? Vê outras mulheres que também participam de produções? Esse ambiente também é predominantemente masculino?

R: Não faço festas, mas gostaria. Acho que é mais dominado pelos homens esse tipo de negócio, por enquanto.

Você considera a cena de música eletrônica machista? Se sim, o que considera central para revertermos esse cenário?

R: Mesmo tendo crescido absurdamente o número de mulheres djs, sem dúvida ainda continua um ambiente machista, tanto na parte da produção musical como na escolha de line up.

ENTREVISTA 5 - Mariana Perrelli**Como você iniciou sua carreira na música eletrônica (não necessariamente como dj)?**

R: aos 12/13 anos ouvindo discos de drum n bass e mais tarde com 15 frequentando as festas do teatro dulcina em Brasília. foi uma fase intensa de descobertas e musicalidade, fui me identificando e guardando tudo que eu pesquisava. aos 19 anos cheguei no estúdio de um amigo com um tubo de CDs gravados e aprendi a tocar num par de CDJs e um DJM 300. toquei pela primeira vez 1 mês depois na festa que me tornei residente durante 9 anos.

Ainda toca? Se sim, há quanto tempo? E, se não, por que parou?

R: sim, desde 2008 então acabou de fazer 10 anos aí.

Foi influenciada por alguma DJ antes de começar? Existiam outras mulheres tocando em Brasília ou no Brasil antes de você, ou que começaram ao mesmo tempo?

R: naquela época eu andava muito no electro/punk então na cidade tinha as meninas do Telma & Selma, e a Dani Ferreira que discotecavam coisas nessa linha. minhas maiores influências mesmo vinham de bandas de punk, então eu ainda mesclava muito as referências.

Você vive de música hoje? Se sim, fale um pouco da sua rotina de trabalho.

R: vivi durante muitos anos mas no momento não. devido ao cenário político/financeiro, não posso dizer que tá dando pra viver de arte, porque não tá. estamos em um momento tenso e a arte em geral sempre vai refletir a densidade da época, então se vc trabalha com isso com certeza você vai ter que absorver o que acontece ao seu redor, querendo ou não. devido a isso, no momento tenho estudado a cena da minha moradia atual que é o centro de São Paulo, através da minha própria rotina, e tenho estado muito em casa, focada na produção musical, fico quebrando minha cabeça horas por dia fazendo música. é o que tem salvado o que restou da minha sanidade mental.

Já sentiu alguma dificuldade por ser mulher nesse meio? Qual foi seu principal desafio enquanto mulher atuante na cena de música eletrônica?

R: já senti o tratamento diferenciado várias vezes. meu maior desafio sempre foi ser muito boa, ter muita técnica, ser muito ágil, ter identidade. isso sempre me botou em foco e eu pouco me lixava de estar num palco cheio de homens, a maioria deles sempre ficou olhando pras minhas mãos enquanto eu fazia uma mixagem. agora meu principal desafio é fazer exatamente a mesma coisa só que na produção musical. nesse submundo existe mais preconceito ainda, é o mundo dos computadores, coisa de garoto sabe? me esforço ao máximo todo santo dia porque eu sei que ainda vou calar a boca de muito produtor que fica menosprezando som de mina.

Já sofreu algum preconceito trabalhando como DJ por ser mulher? Já sofreu algum assédio sexual ou moral trabalhando na noite?

R: nunca fui abusada, mas já senti a entonação do preconceito várias vezes. nas conversas de backstage, na pista, na cabine. principalmente dos que tem mais nome. eles são homens, djs, famosos, quem sou eu perto deles? “essa música foi você que fez mesmo?” eles duvidam de você o tempo todo.

Tem filhos e/ou é casada? Se sim/não, isso de alguma maneira foi afetado positivamente ou negativamente pela sua carreira na música eletrônica?

R: não tenho filhos nem sou casada. a vida da noite é muito desgastante, eu particularmente me sairia muito mal no papel de conciliar uma família e esse estilo de vida tão instável. admiro quem tem a serenidade pra fazer isso acontecer.

Existe alguma vantagem em ser DJ mulher?

R: só se for pra ficarem enchendo sua bola pelos motivos errados né? se o cenário é predominantemente masculino eu escuto muitos “toca igual homem” “muito gostosa” “adoro seu cabelo grande”. somos o que? modelos ou djs? é pra ficar me olhando ou me ouvindo?

Como você acha que está a questão da representatividade feminina nos line ups no Brasil e no exterior?

R: aqui no brasil tá em progresso mas muito pra atrás ainda. coletivos menores e locais estão muito melhores do que os grandes festivais, que ainda teimam em colocar, quando colocam, as mesmas de sempre, e poucas.

Acredita que o tipo de som tocado influencia no respeito que as pessoas têm pelo seu trabalho? Por exemplo, existe um estereótipo de som de menina? As meninas que tocam um som mais pesado de alguma maneira são mais respeitadas, talvez?

R: existem estereótipos sim mas os gêneros musicais já foram e voltaram muitas vezes pra quebrarem esses pensamentos pequenos. sempre existe essa coisa de “som de menina”. deve ser porque é muito verdade que só mulher toca o que toca. nossa atmosfera entra por qualquer fresta. se for pesado ou não, vão saber: é mina.

O que você acha de line ups 100% femininos? E quando utilizam isso como a temática da festa?

R: utilizar como temática de festa é se vender total. line-ups 100% femininos devem acontecer quando existe uma coerência entre o coletivo que realiza a festa e seus ideais, o que prega, o público que abraça. não adianta você fazer festinha com ingresso feminino mais barato ou “vodka free pra elas” e depois querer meter uma noite só de garotas tocando. não faz sentido, representatividade não é bagunça.

Você tem sido chamada pra tocar em festas com curadoria 100% masculina? Como foram essas experiências?

R: fui durante muitos e muitos e muitos anos. comecei a parar pra refletir sobre minhas escolhas. hoje em dia não aceito mais esse tipo de contratação. já tive boas experiências nesse tipo de gig mas também já tive péssimas. os papos, as perguntas. nossa que preguiça.

Você faz parte da produção de alguma festa? Vê outras mulheres que também participam de produções? Esse ambiente também é predominantemente masculino?

R: ja fiz durante anos e sim, era um ambiente predominantemente masculino. dos artistas (meu cargo) aos funcionários (também meu cargo), 90% homem. hoje em dia vejo coletivos só de mulheres e isso me inspira.

Acredita que a cena de música eletrônica é machista? Se sim, o que considera central para revertermos esse cenário?

R: assim como em qualquer outro departamento social não estamos 100% livres do machismo. mas o anti-fluxo vem crescendo e tem ganhado cada vez mais representantes, e é isso que tem que acontecer. tem que ter mina na luz, na mesa, no som, na gerência, no bar, na maquinaria. temos que nos capacitar, nos ajudar, nos ensinar. aprender e ir pro front. só assim a gente reverte as coisas. sendo 100% independentes pra na hora de precisar fazer algo, saber. ou no mínimo poder virar pro lado e pedir ajuda pra técnicA de som, e não pro técnico.